

APRESENTAÇÃO

As tecnologias digitais em rede vêm reconfigurando cada vez mais a educação, o que tem contribuído para a emergência de inúmeras experiências formativas (Carvalho e Pimentel, 2020; Carvalho, 2022). Neste dossiê, “**Implicações ético-estético-políticas em rede: desafios e perspectivas para a formação no/do presente**”, reunimos 9 artigos que tratam de como essas experiências têm reverberado na educação contemporânea. Esse dossiê é um desdobramento de uma parceria interinstitucional entre universidades, grupos de pesquisa e pesquisadores nacionais e internacionais.

A temática deste dossiê visa refletir sobre o uso ético das tecnologias digitais na formação. Consideramos a ética um tema central na atualidade, especialmente à medida que as inovações tecnológicas transformam a forma como o conhecimento é produzido, compartilhado e acessado. A integração das tecnologias digitais no processo educacional oferece inúmeras oportunidades para enriquecer a aprendizagem e o ensino. Também impõe desafios éticos que demandam atenção cuidadosa de educadores, gestores e formuladores de políticas, como, por exemplo, o uso criativo, crítico e autoral das tecnologias digitais, bem como o acesso e inclusão digital, a privacidade e proteção de dados.

A discussão sobre o uso ético das tecnologias digitais na educação ganha uma nova camada quando problematizada sob a perspectiva filosófica da estética. A estética, tradicionalmente associada à apreciação do belo e ao estudo da arte, envolve a experiência sensorial e afetiva que molda nossa percepção do mundo. No contexto das tecnologias digitais, essa dimensão estética transcende o design visual ou a interface das plataformas tecnológicas. Ela diz respeito à maneira como a tecnologia influencia a forma de aprender, pensar e comunicar. Está associada à inventividade de modos de existir, como nos tornamos o que somos, compartilhamos e dizemos ser em/na rede (Carvalho, 2021). A estética é vista aqui também com base na beleza da interação humano-máquina e na experiência vivida por estudantes e professores pelas redes de computadores.

A dimensão política do uso das tecnologias digitais na educação é uma questão complexa e multifacetada, envolvendo poder, controle, vigilância, acesso e a relação entre o Estado, as instituições educacionais, o capitalismo e os próprios sujeitos. Essa

dimensão se atrela às dimensões éticas e estéticas, ao abordar como o uso das tecnologias digitais reflete e reproduz dinâmicas de poder que influenciam quem tem acesso ao conhecimento e quem não tem, como a aprendizagem é moldada visando produzir um determinado ideal de sujeito, de que maneira reverbera na autonomia didático-pedagógico-curricular do professor e quais interesses estão em jogo no desenvolvimento e implementação dessas tecnologias.

As discussões sobre o uso de tecnologias digitais em rede na educação não podem ser apenas técnicas ou instrumentais; elas são, antes de tudo, discussões ético-estético-políticas, que envolvem decisões sobre a educação, a quem ela serve e quem detém o poder sobre o saber. Com base nessas discussões, abrimos o dossiê com o artigo: “*Ava Poraquê: uma alternativa ao cenário de plataformização da educação*”, de autoria de Leonardo Zenha Cordeiro e Daniele Cristina Monteles de Araújo Silva. Os autores problematizam o fenômeno da plataformização da educação no Brasil, evidenciado nos anos de 2020 e 2021, em razão das importantes mudanças e desafios aprofundados durante a pandemia do COVID-19, que é o plano de fundo do presente artigo para explicar a opção de uma escola pública da Amazônia paraense em hospedar um ambiente virtual de aprendizagem em um software livre como um importante exercício de contra hegemonia aos softwares proprietários. Em termos teórico-epistemológicos, optam pelo debate em torno do capitalismo de vigilância, do colonialismo de dados e dos softwares livres para subsidiar a construção de um modelo alternativo às plataformas privadas que dialogue com a realidade amazônica. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, exploratório e reflexivo, desenvolvido no intento de proporcionar pistas para investigações futuras mais amplas sobre a temática em questão. Por fim, apresentam como resultado alguns desafios e limites para o uso desses recursos alternativos encontrados no percurso formativo da pesquisa.

Em seguida, no artigo “*Interfaces digitais e a ciberliteratura: confluência de linguagens visuais, sonoras e verbais*”, Claudia Angelica Soares da Costa e Andréa Villela Mafra da Silva analisam a interrelação entre o letramento digital, a ciberliteratura e a formação de leitores no ensino médio no Brasil. A ciberliteratura, mediada por interfaces digitais e uma confluência de linguagens visuais, sonoras e verbais, desafia e reconfigura a maneira tradicional de engajamento com textos literários; contudo, a inclusão dos denominados excluídos digitais apresenta desafios que transcendem barreiras socioeconômicas, abordando também competências digitais básicas. A

intenção das autoras é compreender a dialogia (in)direta da educação literária com o processo de ensino e aprendizagem mais amplos do estudante do ensino médio. Adotam a metodologia Estado da Arte objetivando mapear, sistematizar e analisar criticamente produções acadêmicas sobre o tema, servindo como um catálogo orientador para futuros pesquisadores. Concluem que o letramento digital e a ciberliteratura na educação, particularmente no ensino médio, apresenta desafios e oportunidades para a formação de leitores críticos e engajados na era digital.

Essas discussões sobre leitura em rede são abordadas também por Raquel Silva Barros e Edméa Oliveira Santos no artigo: “*Clube de leitura online: notas sobre as experiências de duas professoras*”. Nele, as autoras apresentam a experiência de duas professoras praticantes culturais no clube de Leitura da Manu, organizado e idealizado por Manuela D’Ávila, no primeiro semestre de 2023. A partir da vivência com os fenômenos que emergem da cibercultura, buscam compreender as práticas cotidianas vivenciando situações de aprendizagem a partir da participação no coletivo de leitura de livros escritos e protagonizados por mulheres. Articulam a experiência vivenciada junto ao clube aos estudos sobre ciberfeminismo. Pautam-se, metodologicamente, nos estudos da pesquisa-formação na cibercultura, ancorados na epistemologia multirreferencial, cibercultural e dos cotidianos. Nessa investigação, trazem apontamentos diante do vivenciado, tais quais a aprendizagem em rede na relação cidade-ciberespaço, a construção e mobilização de saberes para além da educação formal e o fortalecimento de redes de reexistência através da partilha.

Em “*Crianças ciberculturais: contribuições para pensar a atuação da escola*”, Dayse Medeiros e Mayra Ribeiro destacam que os avanços tecnológicos vêm alterando a nossa forma de viver, ser e estar no mundo, influenciando comportamentos já na infância. Na escola, essas mudanças também são sentidas nas formas de aprender e de ensinar, tornando fundamental o preparo dos professores para as atividades pedagógicas que envolvam as tecnologias digitais para a atuação das crianças no contexto da cibercultura. O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação, que tem por objetivo compreender o perfil de crianças no contexto da cibercultura. As autoras realizam a construção de dados junto/com os sujeitos da pesquisa, que são alunos do 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Mossoró/RN. Elas têm como inspiração teórico-epistemológica e metodológica a pesquisa-formação multirreferencial. Constatam que as crianças são sujeitas

ciberculturais e interagem cotidianamente com as tecnologias, com ênfase nos jogos e nas redes sociais; e que a formação continuada, a reflexão e o diálogo intersubjetivo e plural entre a escola/família/sociedade é condição para a busca de uma formação cidadã e autoral, em devir, das crianças em contexto de cibercultura.

Com relação à pauta das juventudes, no artigo *“Interações juvenis em rede: processos comunicativos das atléticas da UFT”*, Marluce Zacariotti tem por objetivo conhecer a realidade das Atléticas da Universidade Federal do Tocantins e observar o processo de interação/trocas sociais/informacionais desses grupos para identificar tanto modos de identificação das juventudes na perspectiva de tribos urbanas como as mediações das mídias digitais e redes sociais nas relações comunicacionais. Este artigo é resultado do projeto de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulado *“O processo de interação juvenil e a convergência midiática como modo de identificação/apresentação das tribos urbanas: o caso das Atléticas da UFT”* e de pesquisa associada ao Núcleo de Pesquisa, Extensão e Práticas Jornalísticas (Nujor/UFT). Utiliza questionário e entrevista como métodos de levantamento de dados, além de revisão de literatura. Como resultado, as Atléticas são vistas pelos entrevistados como espaços de integração e de interação social com forte ligação afetiva e que as redes comunicativas digitais são utilizadas, principalmente, para agilizar informações. Observamos, ainda, que as interações em rede favorecem autoafirmação, encorajamento para posições, no entanto, para discussões que incluem decisões importantes a preferência do grupo é pelo encontro presencial.

Ainda no que diz respeito à essa pauta das juventudes, o artigo *“A percepção dos jovens sobre ciência: uma revisão bibliográfica”*, escrito por Paula Heloisa Santos Souza, Cristiane de Magalhães Porto e Daniele Barbosa de Souza Almeida, apresenta uma revisão bibliográfica sobre a percepção dos jovens em relação à ciência e aos cientistas. Inicialmente, pode-se dizer que o anseio da construção deste texto partiu do contato com o projeto *“Eu sou um cientista? A percepção dos alunos do PIBIC-EM campus Aracaju/SE”*, que teve sua primeira fase finalizada e pode ter fases subsequentes. Através deste estudo, identificou-se a importância do entendimento da percepção dos jovens sobre essas temáticas para com a educação científica, bem como é necessário desmistificar os estereótipos já enraizados sobre ciência e cientistas, muitas das vezes, oriundas do mundo midiático. Nesse sentido, um dos aspectos centrais desta análise é a influência dos desenhos animados na percepção destes jovens. Outro aspecto

desta revisão bibliográfica é a importância de projetos de iniciação científica, especialmente os promovidos pelo Governo Federal, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM). Informa-se ainda, que para realizar a presente revisão bibliográfica foram consultadas bases de dados acadêmicas, estudos publicados relacionados direta ou indiretamente, a percepção dos jovens sobre ciência e cientistas, após a seleção das obras, utiliza-se os principais resultados que acrescentaram a esse estudo.

Já no artigo “*Multiletramentos no ensino fundamental*”, Luciana da Silva Santos Oliveira e Felipe Carvalho objetivam compreender a importância dos multiletramentos na alfabetização nos primeiros anos do Ensino Fundamental I e, com isso, produzir uma revisão de literatura crítica sobre a temática no presente. Para alcançar esse objetivo, realizam uma pesquisa-bibliográfica mobilizando teses, dissertações e artigos publicados de 2013 a 2023, os quais se encontram nas bases de dados da Scielo e do Portal de Periódicos da CAPES. A partir do material documental analisado, ressaltam a necessidade de compreender o multiletramento de maneira mais ampla e contextualizada, indo além das práticas tradicionais de alfabetização. Destacam a relação entre multiletramentos, gêneros discursivos e sequências didáticas, evidenciando a importância de uma abordagem mais integrada que envolva leitura, escrita e oralidade. A integração de práticas de multiletramentos, aliadas ao uso de recursos tecnológicos, é vista como uma forma de potencializar o interesse das/os estudantes e criar possibilidades de aprendizagem.

Telma Rocha e Cleyton Williams Golveia da Silva Brandão analisam, no artigo “*Google sala de aula: análise didática de suas interfaces de atividades*”, o Google Classroom (Google Sala de Aula) e suas interfaces de atividades. Os autores apresentam uma análise didática do software a partir de sua dimensão e usabilidade pedagógica. Contudo, ainda que nosso foco seja olhar para o papel didático do Google Sala de Aula, tecem críticas quanto ao monopólio da Google, dialogando sobre a utilização de dados dos usuários para fins escusos. A abordagem metodológica foi qualitativa, na qual pontuam que a análise se originou de um trabalho desenvolvido no componente curricular “Didática”, de um curso de formação de professores - Licenciatura em Pedagogia - em uma Universidade Federal da Bahia. Como resultados, apresentam as características do Google Sala de Aula, sua usabilidade e potencialidade didáticas e, sobretudo, suas limitações.

Fechando o dossiê, temo o artigo “*Das mídias de massa às tecnologias digitais: configurações sociotécnicas que informam e formam no gt educação e comunicação do SEMIEDU/PPGE/UFMT*”, escrito por Iracema Cristina Fernandes da Silva, Renata Martins Coronel e Tereza Fernandes. O estudo teve como objetivo analisar a temática das tecnologias no GT Educação e Comunicação do Seminário de Educação (SemiEdu) do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), no período de 1992 a 2023, observando a materialização das mudanças do contexto das mídias de massa à cultura digital. A pesquisa foi realizada por meio de um levantamento em bases de dados na internet inspirada em uma revisão sistemática, complementada com entrevista aberta com dois professores. Os resultados apontam para a reconfiguração da temática das tecnologias na educação, em sintonia com as mudanças no cenário sociotécnico das tecnologias digitais na cultura contemporânea e seus processos de formação.

Desejamos uma boa leitura!



Referências:

CARVALHO, Felipe. Situações de coautorigem online no ensino fundamental. *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*, v. 11, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/45600>. Acesso em: 15 set. 2024.

CARVALHO, Felipe; PIMENTEL, Mariano. Atividades autorais online: aprendendo com criatividade. *SBC Horizontes*, nov. 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/11/atividadesautorais>. Acesso em: 15 set. 2024.

CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. #Pedagogiasciberulturais: como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos? 2021. 190f. *Tese* (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2013_2-1195-DO.pdf. Acesso em: 15 set. 2024.

Prof. Dr. Felipe Carvalho

 <https://orcid.org/0000-0001-7398-6171>

Prof. Dr. Damião Rocha

 <https://orcid.org/0000-0002-5788-7517>

Profa. Dra. Marluce Zacariotti

 <https://orcid.org/0000-0002-4834-1088>

Prof. Dr. Wallace Ugulino

 <https://orcid.org/0000-0001-8409-7847>

Agradecimentos

CNPq/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Tocantins (FAPT -TO), processo nº151075/2023-9, projeto de pesquisa “TECHHUB DE INOVAÇÃO DO CERRADO TOCANTINENSE”.